

# Sarney está magoado com PMDB e com Cabral

Presidente considera parlamentarismo manobra para encurtar o mandato e esvaziar seu governo

TRACISIO HOLANDA  
Repórter Especial

Ainda não cicatrizaram os ferimentos que a convenção nacional do PMDB provocou em Sarney. O Presidente revelava suas mágoas do PMDB e de certas áreas do Congresso-Constituinte, em sucessivas conversas que manteve, sexta-feira última, com representantes do grupo parlamentarista, desde o senador paranaense José Richa, a mais nova e importante adesão, ao líder Luis Henrique, o pedessista catarinense Antonio Carlos Konder Reis e o petebista paulista Joaquim Bevilacqua.

O Presidente deixou claro, nas conversas com esses interlocutores parlamentaristas, que atribui ao movimento inspiração nos que desejam encurtar o seu mandato ou subtrair as prerrogativas constitucionais de seu cargo de Presidente da República. Sarney não alterou sua posição, mantendo o ponto de vista de que é conveniente ao interesse do País conservar o regime presidencialista.

O senador José Richa, a mais nova e importante adesão ao grupo parlamentarista, revelou ao Presidente seu plano de introduzir gradualmente o novo regime no País, através das Disposições Transitórias, mediante acordo com o atual Presidente, de forma que, ao final do mandato de Sarney, o parlamentarismo passaria a funcionar em sua plenitude, com todas as organizações do Estado preparadas para isto.

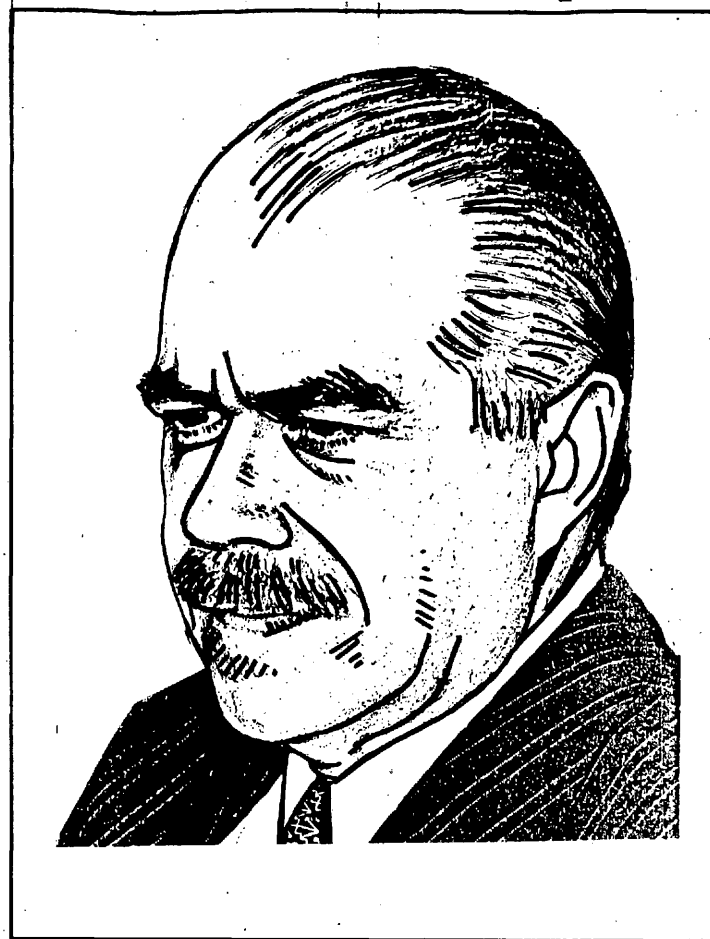
A posição do Palácio do Planalto continua sendo de resistência, para preocupação dos parlamentaristas. Sarney ficou profundamente magoado com o relator-geral da Comissão de Sistematização, deputado Ber-

nardo Cabral, que, segundo sua visão, levou a sua presença o fato consumado, que se traduziu na adoção do parlamentarismo segundo a fórmula do professor Afonso Arinos, sem lhe dar a atenção de uma mera consulta.

De tal forma o Governo enrijeceu sua posição, que o líder Carlos Sant'Anna, que vinha admitindo negociar em torno da fórmula de parlamentarismo misto aprovada pela Comissão de Organização dos Poderes e Formas de Governo, foi muito cauteloso no encontro que manteve, anteontem, com o líder do PMDB, senador Fernando Henrique Cardoso, transformado em um dos mais entusiásticos defensores do parlamentarismo, deixando de ser o convicto presidencialista, que era antes.

Diante da intransigência do Palácio do Planalto — e animado com o êxito do almoço que o senador Afonso Arinos ofereceu aos três ministros militares — o deputado Cid Carvalho procurou o chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, às 10 horas da manhã de sexta-feira, para lhe dizer que os parlamentaristas não admitem negociação em torno do regime presidencialista, como quer Sarney, obstinadamente.

Richa, Luis Henrique, Antonio Carlos Konder Reis, Joaquim Bevilacqua, enfim os porta-vozes da confederação parlamentarista, procuraram dissipar, nas conversas que tiveram com o Presidente sexta-feira passada, as nuvens escuras de suas suspeitas em relação ao movimento. Procuraram mostrar que não se trata de uma conspiração para reduzir os seus poderes ou ir ao confronto com o Governo, mas de um movimento que tem o objetivo de dar estabilidade as nossas instituições políticas.



O deputado Cid Carvalho disse ao ministro Ronaldo Costa Couto que o grupo está sinceramente animado do propósito de fazer um pacto com o Presidente da República para que seja possível implantar o regime parlamentarista no Brasil de forma pacífica e ordenada.

Ronaldo Costa Couto não mudou, mostrando que o governo

continua preso à tese de conservar o presidencialismo com um Congresso reforçado de poderes. Cid mostrou ao ministro que seria um erro o governo insistir nessa linha, porque a maioria do Congresso está consciente de que só será possível dar ao povo uma demonstração de que se deseja a mudança de mudar a forma de governo,

descentralizando-se os poderes exageradamente concentrados na Presidência da República pelo regime militar.

O parlamentar maranhense argumentou que a imissão de posse para promover a reforma agrária é tema de 15 dias. Não mais. Enquanto que a mudança da forma de governo é a única mudança efetiva no País, aquela capaz de detonar outras mudanças significativas na forma e no conteúdo da governação.

E argumentou, ainda, que se Lula, Brizola e Mário Covas, com o Grupo Só Diretas do PMDB, marcaram uma posição de nitido confronto com o Presidente da República, alimentando-se dos desgastes do Governo, o grupo parlamentarista, no qual se incluem amigos sinceros de Sarney, deseja um pacto para a tranqüila implantação do novo regime.

Nesse mesmo grupo, segundo a argumentação do deputado Cid Carvalho, estão muitos amigos de Sarney, que para ele defendem mandato de cinco e até de seis anos, com o parlamentarismo. Se o Presidente da República partisse para o confronto, estaria cometendo um grande erro político e ampliando o número dos seus adversários dentro da Constituinte.

Ao mesmo tempo, Cid esteve com o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, que continua defendendo a manutenção do presidencialismo, mas tem consciência de que não poderá partir para o confronto com a tendência parlamentarista, que é majoritária no seu partido.

Ulysses, que estava profundamente preocupado com o que poderia acontecer no almoço de Afonso Arinos e os parlamentaristas com os três ministros mi-

litares, sexta-feira, estava aliviado depois do acontecimento, e convencido de que fora extraordinário para amenizar a atmosfera política, sensivelmente carregada depois do estrondoso pronunciamento do ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, na reunião ministerial de quinta-feira passada.

O almoço foi importante para dissipar entre os parlamentaristas o receio de que a fala do general Leônidas se inserisse em uma estratégia para acuar a maioria dos constituintes que defendem a nova forma de governo. Embora em posição retraída e discreta, os ministros deixam claro que aquela era uma decisão a ser tomada pelo mundo civil e político, cumprindo-lhes manter a postura de subordinados hierarquicamente ao Presidente da República.

As cartas estão lançadas. Resta esperar para saber se Sarney vai manter a posição intransigente que conserva sobre a necessidade de manter o presidencialismo, ou se evoluirá para aceitar uma composição com a tendência majoritária em torno de um parlamentarismo misto, que mantenha nas mãos do Presidente da República a prerrogativa de nomear e demitir o primeiro-ministro, nos termos da fórmula aprovada pela Comissão de Organização dos Poderes e Formas de Governo.

Na próxima semana, o líder do Governo, Carlos Sant'Anna, e outros amigos do Presidente da República, como o deputado Prisco Viana, têm encontros marcados com alguns dos mais importantes líderes parlamentaristas para explorar as possibilidades de um pacto.

## Heráclito prega novo sistema

Terresina — Durante um debate com 120 empresários na sede da Associação Industrial do Piauí, o deputado federal Heráclito Fortes (PMDB-PI) defendeu com veemência a instalação do regime parlamentarista do País.

“Esse presidencialismo imperial de hoje é impraticável, gera distorções e impede que o Congresso legisle com autonomia sobre as questões fundamentais da Nação”, salientou o parlamentar piauiense.

Para reforçar sua tese em defesa do parlamentarismo, Heráclito Fortes observou que a gigantesca dívida externa brasileira foi contraída porque ao Congresso não era permitido legislar sobre questões financeiras. Lamentou que a primeira experiência parlamentarista do País deu a João Goulart a possibilidade de assumir o cargo de presidente, “pois ele não estava preparado para as funções”.

Só o parlamentarismo seria capaz de tirar o Brasil das crises graves e periódicas, com a vantagem de eliminar também a expectativa permanente de uma estafa física e mental de um presidente da República, acrescentou o deputado.

Heráclito Fortes garantiu em entrevista, logo depois do debate com os empresários, que a maioria dos constituintes é favorável ao parlamentarismo e por esse motivo acredita que a proposta não sofrerá rejeição.